

## JAYME TIOMNO

Alfredo Marques

Este texto apenas relaciona enlaces que me uniram ou distanciaram de *Jayme Tiomno* enquanto o CBPF consolidava os propósitos com que foi instituído. Estimo que revele um pouco de sua pessoa e seu trabalho. Seu vulto de cientista não está aqui contemplado: merece mãos mais qualificadas.

Meu primeiro encontro com *Jayme Tiomno* foi literalmente virtual: quando ingressei no Colégio Pedro II, em 1942, ainda ecoava nas paredes do vetusto casarão da Rua Marechal Floriano Peixoto a fama de aluno brilhante, exemplar, que deixara desde sua formatura, seis anos antes.

O segundo foi como aluno do Curso de Física da Faculdade Nacional de Filosofia. *Tiomno* chegava ao Brasil com o doutoramento em Princeton, cercado de reputação científica excepcional. Reassumiu seu cargo no Departamento de Física da Faculdade Nacional de Filosofia, ocupando-se da disciplina de Eletromagnetismo. Adotou o livro de mesmo nome, uma edição da McGraw-Hill, de autoria de *John C. Slater* e *Nathanael Frank*. Minha insistência neste tema se deve ao fato de que na ocasião *Tiomno* promoveu completa revisão dos textos usados no Curso de Física, propondo outros com linguagem e formatação mais adequada, em conformidade com a renovação da literatura para o ensino da física adotada nos E.U.A. após a 2<sup>a</sup>-guerra. Também trabalhou, junto com *Leite Lopes* na tradução de textos, aumentando o acesso dos alunos a livros em língua portuguesa. Vale registrar que não havia textos em nosso idioma, à exceção dos editados em Portugal, raros e difíceis de obter. A maioria seguia a tradição da literatura científica francesa, muito hermética, com matemática pesada e desprovida de exercícios. Lembravam monografias destinadas a divulgar conhecimentos especializados dos autores entre leitores experientes, em lugar de buscar a formação de jovens. *Tiomno* liderou intensa campanha para substituição desses textos.

Em sala de aula, entretanto, não era um bom comunicador. Certamente longe daqueles que sustentam um discurso fluente, organizado e ritmado, por vezes acompanhado de bem humorada arte histriônica. Longe disso. Seu discurso era interrompido muitas vezes por momentos de enigmática meditação enquanto examinava detidamente o quadro-negro, deixando escapar, aqui e ali, contidas exclamações. Tenho a impressão de que tudo resultava de intensa atividade mental, habituada ao exercício permanente da crítica: no curso da exposição de uma ideia, subitamente se via assediado por um argumento alternativo, eventualmente mais adequado, e se dividia entre a transmissão da ideia inicial e sua crítica. Entretanto, ousou dizer que mesmo com um trôpego discurso, talvez até, quem sabe, graças a ele, incutia nos alunos forte motivação pela busca pessoal, pela descoberta autônoma das relações entre as grandezas que discutia em suas aulas. E era exatamente isso o que se esperava de estudantes contemplando uma carreira científica. Olhadas por esse ângulo suas aulas eram um completo sucesso.

Certo dia um colega de turma me confiou ter ouvido de *Tiomno* que gostara da maneira engenhosa com que havia resolvido alguns exercícios. Dias depois *Tiomno*

perguntou-me se estava interessado em ingressar no CBPF. Sabia que tinha um emprego no IBGE, que dependia dele para suprir a falta de meu pai, falecido em 1950. Ofereceu-me um lugar como seu auxiliar na Editoria de Notas de Física, garantindo que haveria bastante tempo para estudar, pois contava com funcionários experientes e dedicados. Assim fiz. Deixei meu cargo no IBGE para tomar conta do setor de publicações do CBPF, cujo principal produto era a publicação de Notas de Física. Tudo ocorreu conforme me descrevera: os funcionários eram diligentes e habilidosos e o trabalho não me tomava muito tempo. Assim, foi pelas mãos de *Jayme Tiomno* que ingressei no CBPF.

Um aspecto do retorno de *Tiomno* ao Brasil mereceu uma especulação de minha parte. Pelo fato de ter desenvolvido intensa atividade de pesquisas paralelamente à sua tese, tendo publicado importantes trabalhos científicos, um deles na qualidade de parceiro de *John A. Wheeler*, sempre achei que deveria ter sido alvo de sedutoras propostas para permanecer nos E.U.A. Nunca me fez qualquer comentário a esse respeito, embora não faltassem oportunidades em nosso contato diário. Acredito que, tal como *Lattes*, dispensou a sedução de uma carreira brilhante naquele país, para participar da aventura da criação de oportunidades de pesquisas no Brasil. Para o CBPF sua presença representou importante reforço à qualidade do trabalho científico da casa.

Sua atuação como Editor de Notas de Física levou essa publicação aos meios científicos internacionais, renovando e ampliando o reconhecimento do padrão de qualidade da casa. A qualidade científica está sempre em questão; é preciso renová-la a cada momento e isto é ainda mais necessário nas instituições em curso de desenvolvimento, onde os descaminhos podem acontecer mais facilmente. A contribuição de *Jayme Tiomno* para a continuada valorização científica do CBPF, para o crescimento de sua reputação como instituição de pesquisas e ensino da física nessa primeira etapa foi excepcional. Acredito que a principal mensagem do CBPF ao meio acadêmico e científico brasileiro nos anos que precederam a reforma universitária tenha sido a da vanguarda na defesa e difusão da tese da unidade pesquisa -ensino. Poucos empunharam a bandeira daquela unidade e a defenderam com tanto ardor quanto *Jayme Tiomno*.

No curso de minha passagem pela Divisão de Publicações, peguei muitas caronas com *Tiomno* e *Elisa* em seu carro, quando deixávamos a sede do CBPF já tarde, encerrado o expediente diário. Aí conheci a pessoa afável que era, amante da conversa, bem humorado, aberto ao diálogo sobre qualquer assunto, coração generoso e sumamente afetuoso no trato com *Elisa*. Um *Tiomno* que me parecia muito diferente daquele com quem tinha contato em meio às urgências ásperas do trabalho cotidiano. *Jayme Tiomno* era pessoa de fortes convicções e rica vida interior. Tinha em sua atividade de pesquisas motivos para a mais extasiante gratificação e inextinguível bem-estar. Acreditava que qualquer pessoa com razoáveis dotes intelectuais poderia ser treinada para isso, bastando dedicar-se integral e apaixonadamente. Isso incluía abster-se de seduções do cotidiano, adiando-as durante o período de adestramento. Conseguiu convencer alguns estudantes que tiraram grande proveito de seus conselhos, mas também é verdade que outros foram mais sensíveis à compulsão quase instintiva para se inserir e mover-se nas hierarquias do reconhecimento social. Nas reuniões de órgãos colegiados de direção no CBPF, *Tiomno* defendia suas ideias com a mesma garra, por vezes suscitando reação adversa em alguns de seus pares. Tudo não passava, parece-me, de sua firme convicção de que o caminho que demandava era o único seguro e que, como toda conquista tem um preço, nada mais justo que os alunos o pagassem.

Na realidade todos pagamos um preço por nossas opções, mas as moedas podem ser diferentes. *Tiomno* não fazia qualquer concessão a esse tipo de dissidência, rejeitando toda alternativa com fervor apostólico. Os alunos que seguiram sua pregação tiveram nele um orientador excepcional. Cercava-os de atenções e sua residência era o prolongamento de seu gabinete de trabalho; aí os recebia regularmente, pelo tempo que fosse necessário, para esclarecer dúvidas e discutir atividades. Não creio que quaisquer outros estudantes contassem com orientador tão devotado.

Cedo o sonho de implantar no Brasil dos anos 50 uma instituição científica exemplar, atuando em áreas da física com padrão internacional, colidiu com a realidade do país: um desfalque no orçamento do CNPq, ocorrido em 1954 em repasses para o financiamento de laboratórios sob a responsabilidade do CBPF, colocou *Lattes* e boa parte da liderança científica do CBPF em campos opostos. Logo a seguir suicida-se o presidente *Vargas*, desmontando a base política de apoio do presidente do CNPq e falece o Presidente do CBPF após longa enfermidade. Toda a cúpula dirigente do CBPF – Presidente, Vice-Presidente, Diretor Científico – cai, no intervalo de poucos meses, dando início a uma crise que atravessou os anos, passou por altos e baixos, mas só terminou efetivamente com a incorporação ao CNPq. À adversidade da crise interna veio somar-se impiedosa inflação que derrubou os salários a níveis insuportáveis, provocando grande êxodo. Pouco antes do golpe militar de 1964, *Tiomno* se afastou do CBPF para assumir uma posição no Instituto de Física da nascente Universidade Nacional de Brasília. Levou com ele um numeroso grupo de estudantes, matriculados em nossa nascente pós-graduação. Entretanto, não foi nem seu afastamento, lamentável por todos os títulos, nem os estudantes que levou consigo, o principal motivo do ressentimento deixado entre os que ficaram: foi uma entrevista que deu na ocasião a *O Globo* em termos contundentes, fazendo prognóstico pessimista. Ninguém teria feito qualquer reparo pela simples decisão de se afastar: tantos já o haviam feito, inclusive membros da liderança histórica do CBPF, como *Lattes* e *Ugo Camerini*. As condições para o trabalho científico estavam de fato exauridas, mas muitos optaram por ficar, na esperança das promissoras aberturas na área da pós-graduação que felizmente se foram confirmando ao longo do tempo. Não apenas os experimentais, presos a seus aparelhos e instalações, dispuseram-se a resistir, mas também alguns teóricos de uma geração mais jovem, a despeito da maior mobilidade. O vaticínio pessimista de *Jayme Tiomno* mesmo em áreas próximas a seu campo de interesse científico, não se confirmou.

Nesse momento iniciou-se um período em que nos vimos distanciados, cada um enfrentando as turbulências do momento, eu no CBPF, *Tiomno* inicialmente na UNB e, depois do colapso daquela universidade, no Departamento de Física da USP, onde assumiu a cadeira de Física Superior. Aí foi atingido pelo AI-5, de dezembro de 1968, sendo compulsoriamente aposentado. Voltou ao Rio de Janeiro, procurou-me e entregou a meus cuidados uma carta à Diretoria do CBPF solicitando sua re-admissão. Não ficara, assim, qualquer ressentimento em nosso relacionamento em função do desdobramento jornalístico que marcara seu afastamento. Preparei-me para usar de todo empenho junto à Diretoria pelo atendimento de seu pedido, tanto pela admiração que sempre lhe devotei, como por considerá-lo um mínimo reparo à violência de que fora vítima com a aposentadoria compulsória. Entretanto, fui convencido de que sua readmissão seria um ato temerário, dados os termos do AI-5 e que uma simples denúncia anônima poderia arriscar a continuidade da instituição ou submetê-la a uma intervenção militar, o que daria praticamente no mesmo em face das biografias de tantos membros da casa. O AI-5 foi

promulgado pelas autoridades militares temerosas de que o movimento estudantil brasileiro, então com grande vulto, se articulasse com o movimento internacional de 1968 que já promovera considerável turbulência nos E.U.A. e na Europa, na esteira do qual se deu a queda do governo do general *Charles de Gaulle*. Atacou duramente a área acadêmica com um estatuto draconiano que não apenas autorizava a aposentadoria compulsória de professores acusados de extremismo, mas os proibia de qualquer acesso funcional ou mesmo da simples convivência social em repartições públicas ou entidades subvencionadas pelo poder público. Não poderiam, por exemplo, consultar livros ou tomar empréstimos à biblioteca nem teriam direito a receber correspondência em seu nome através do órgão do qual tivessem sido afastados *etc*. A negação do seu pedido de readmissão ao CBPF contrapôs-se à sua subsequente admissão pela PUC /RJ nos quadros de seu Departamento de Física. Em conseqüência, intensa campanha difamatória foi levantada contra o CBPF, em particular contra sua diretoria. Senti-me atingido solidariamente: embora não tivesse cargo de direção na casa, acatara o argumento levantado pela diretoria. Contudo, as puxações foram sobretudo injustas com ela. Nesses anos, em plena ditadura militar, obtive todo o apoio dessa mesma diretoria para regularizar a situação de numerosos estudantes que viajaram para o exterior em condições precárias, fugindo à repressão, garantindo-lhes condições para terminar suas teses, regularizando passaportes, vistos *etc*. A verdade é que os riscos corridos pelo CBPF e pela PUC por eventuais violações ao AI-5 eram muito diferentes: nossas dotações de custeio vinham todas de órgãos públicos, do MEC, do CNPq, do BNDE, enquanto, no caso da PUC, as despesas com o pagamento de salários a pessoas eventualmente atingidas pelo AI-5 podiam ser embutidas nas receitas das mensalidades dos alunos: os nomes de seus beneficiários jamais transitariam em documentos públicos.

Fomos, ambos, mais instrumentos que agentes dos desdobramentos do deplorável episódio. Entretanto esse desfecho marcou um longo período de distanciamento, que só terminou com sua re-admissão ao CBPF, já retomado o regime democrático. Sempre temi que aquele episódio, pela carga de leviana maledicência, pudesse ter deixado cicatrizes não curadas que viessem afetar nosso relacionamento. Nossos encontros posteriores, embora tenham sido poucos, me dissiparam essas dúvidas.

Um deles foi por ocasião da revalidação de diplomas obtidos no exterior por pesquisadores do CBPF. Fui presidente da comissão constituída para esse fim e nessa qualidade *Tiomno* me procurou pessoalmente portando o lindo diploma atestando seu doutoramento. Na ocasião revelou seu temor de que o fato do nome constar em Latim naquele documento poderia trazer dificuldades para identificá-lo como seu; tranqüilizei-o dizendo que não tinha dúvidas de que o diploma era dele e que a comissão assim o declararia, em caráter definitivo e terminal. Senti-me alegre em revê-lo, passado tanto tempo depois de tão deplorável episódio. O segundo foi durante a organização do LAFEX. Na ocasião ocupava a chefia da Coordenação de Atividades Técnicas e toda importação de equipamento científico dos departamentos dependia de uma autorização minha, um procedimento que visava avaliar a consistência dos pedidos e uniformizar as cartas *pro forma* para ganhar tempo nas tramitações posteriores. Nessa condição recebi numerosos telefonemas de *Tiomno*, então chefe do departamento, seja para reiterar justificativas seja para cobrar rapidez nas providências, tudo dentro daquela postura diligente e ansiosa por resultados que sempre o caracterizou. Acredito que a abertura dos espaços do FERMILB para receber o LAFEX como organismo associado, tenha dependido crucialmente da circunstância de *Tiomno* aparecer à sua frente, aval indiscutível da qualidade científica da iniciativa.

*Jayme Tiomno* foi a última estrela brilhante de uma constelação que nos iluminou, deixando em seu lugar extensa mancha escura que as estrelas luzentes não alcançam clarear. Fundadores desta casa, participaram ativamente da construção da física do século XX e abriram o portal de passagem para a moderna ciência brasileira. A física foi a vanguarda dessa abertura, o CBPF a vanguarda dentro dessa vanguarda e *Jayme Tiomno* infatigável liderança. Seu passamento deixa seus contemporâneos diante de imensa e gelada solidão.